

O pensamento de Bruno Snell

DONALDO SCHÜLER

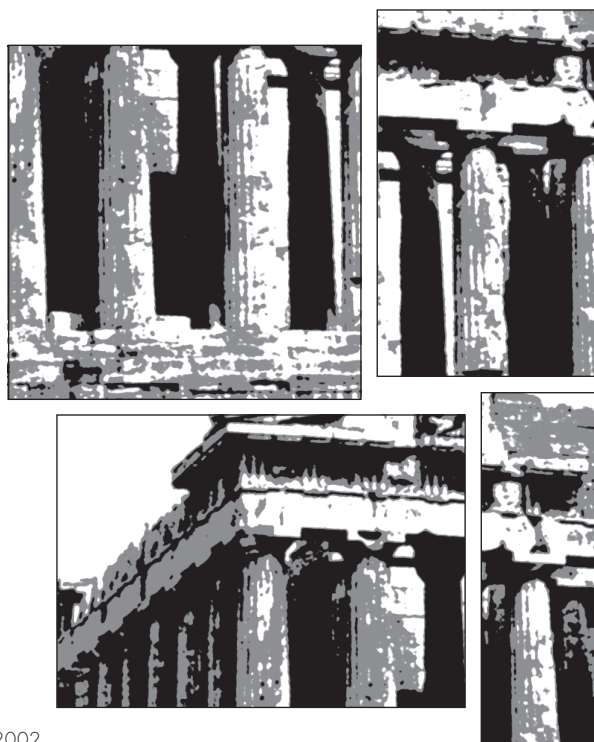
Esta não é a primeira tradução da obra de Snell em língua portuguesa. Houve outra com o título *A Descoberta do Espírito* (Lisboa, Edições 70, 1992). O título brasileiro, *A Cultura Grega e as Origens do Pensamento Europeu*, aproxima Snell a preocupações correntes. Pensamos, entretanto, que se afasta das intenções do autor. *Die Entdeckung des Geistes* implica o esforço de investigar a fonte psíquica do texto. O livro de Snell aproxima-se, desde o título, do mentalismo de Ingarden, teorizado em *A Obra de Arte Literária*. Discutível é a busca do “espírito” fora do texto. O que se diz do “espírito” não é antes construção verbal que não desvenda o que fica além? Nesse caso, deveríamos pensar em invenção e não em descoberta. Questionável é também o determinismo evolucionista de Snell. Em mais de um passo o autor procede como se o pensamento grego tivesse predeterminado o pensamento europeu. Havendo predeterminação, como esquecer a vertente hebraica, fortíssima nos últimos dois milênios de civilização ocidental? O esforço de síntese desencadeado na Idade Média afetou todos os conceitos gregos, o que levou

investigadores recentes à tarefa de limpar concepções gregas de contágio judaico-cristão. É claro que recuperar o que os gregos realmente pensaram é impossível. Mas um diálogo proveitoso com autores helênicos é prejudicado quando os examinamos por um viés que lhes foi estranho. Traduzir *psyche* por alma (*Seele*) é problemático. Somos tomados de desconforto quando se afirma que autores gregos ainda não alcançaram o que “nós” enten-

tou todos os conceitos gregos, o que levou investigadores recentes à tarefa de limpar concepções gregas de contágio judaico-cristão. É claro que recuperar o que os gregos realmente pensaram é impossível. Mas um diálogo proveitoso com autores helênicos é prejudicado quando os examinamos por um viés que lhes foi estranho. Traduzir *psyche* por alma (*Seele*) é problemático. Somos tomados de desconforto quando se afirma que autores gregos ainda não alcançaram o que “nós” enten-

DONALDO SCHÜLER
é professor de Literatura Grega da UFRGS e tradutor de *Finnegans Wake/Finnicius Revém* (Ateliê Editorial).

A Cultura Grega e as Origens do Pensamento Europeu, de Bruno Snell, São Paulo, Perspectiva, 2001.



demos por alma. Como se “nós” (ou Europa) reconciliasse beligerantes atuais, em plena guerra conceitual. Dizer que Homero despedaça o corpo ajuda a compreender muitas passagens da epopéia homérica. Mas como entender os gregos afeitos a banquetes (Ulisses mais que todos) se lhes faltava estômago? (As Musas de Hesíodo reduzem na *Teogonia*, aparecida no mesmo período arcaico, a “estômagos somente”.) Muito menos se entende o navegador que deslumbra Nausícaa, se ele não era mais que braços e pernas. Trajano Vieira acerta quando na apresentação adverte que o exame do vocabulário de um autor não é suficiente para a compreensão textual. Também é arriscado fazer considerações sobre o significado de palavras extraídas do contexto. É justo atribuir ao homem homérico “mente primitiva”, oposta ao “pensamento racional”? O filólogo não se assemelha ao restaurador de quadros, como pensa Snell. Todo investigador traz o texto antigo para seu tempo. A perspectiva do receptor afeta a matéria examinada.

Lido com a devida cautela, temos em



Bruno Snell um investigador sério, útil para quem se interessa pelos estudos helênicos. Veja-se, por exemplo, a rigorosa distinção feita entre *psykhé*, *thymós* e *nóos*, nos poemas homéricos. Os três substantivos se referem à vida do espírito. A *psykhé* só aparece quando se afasta do corpo, *thymós* abriga emoções, *nóos* produz imagens. Snell acompanha cautelosamente as modificações que o significado de *psykhé* sofre ao passar de Homero para a lírica e para a filosofia. As observações de Snell são relevantes tanto para o tradutor quanto para o intérprete. Snell responde à dúvida de alguns sobre a hipotética fé grega nos deuses. Crer no absurdo é atitude cristã desde Tertuliano. Para os gregos os deuses revelam aspectos do cosmo. Os deuses olímpicos, agredidos pela filosofia, sobreviveram na arte. As Musas vivem quando sagram Hesíodo poeta. Hesíodo, em quem o sentir-se estrangeiro aflora, canta em verso as sombras que Homero evitava. O amor, menos intenso em Homero, leva Arquíloco ao desmaio, beirando a morte. Para Píndaro, um dos maiores líricos da literatura ocidental, só a canção salva os grandes feitos da ruína. Na tragédia, consagrada ao culto de Dioniso, rompe-se o vínculo entre mito e realidade. A tarefa de entender a realidade é atribuída agora à prosa (Heródoto, Hipócrates), contemporânea da tragédia. O conceito de arte se renova. Aristófanes inaugura a crítica à poesia. A irracionalidade desvendada por Eurípides leva a Nietzsche. O Sócrates platônico, descontente com as meras manifestações da virtude, fundamenta-a num conceito universal, o Bem. Virgílio é o primeiro a introduzir a sério homens de seu tempo no mundo divino.

A leitura de Bruno Snell estimula a reflexão.